



A escultura romana de Mértola

Virgílio Lopes | Bolseiro de pós-Doutoramento da FCT |
CEAACP - Campo Arqueológico de Mértola

A escultura era uma presença constante no mundo antigo. Podia representar divindades, ou elites como os imperadores, suas esposas e/ou importantes funcionários públicos. Geralmente as imagens estavam inseridas em programas arquitectónicos decorativos.

Este conjunto escultórico deve fazer parte das oito ou dez estátuas a que se refere André de Resende nos seus escritos «Antiquitatum Lusitaniae et de Municipio Eborensi, De Myrtili» ou das cinco ou seis mencionadas por Amador Arrais em «Diálogos». Duas delas foram levadas para a Quinta da Amoreira da Torre, perto de Montemor-o-Novo no século XVII, onde permaneceram até aos finais do século XIX, quando foram redescobertas por Gabriel Pereira. A documentação da sua entrada no Museu Nacional de Arqueologia data do ano de 1902.

A cabeça de Augusto é uma peça de dimensão considerável, tendo 51 centímetros de altura, contudo a peça já não se encontra no seu estado original tendo sido desbastada no espigão de encaixe e nas traseiras da cabeça.

Os achados antigos de escultura romana em Mértola

O Museu Nacional de Arqueologia conta com um importante acervo escultórico proveniente de Mértola. Este conjunto é constituído por: uma cabeça de Augusto (Fig. 1), a cabeça de Diónisos, uma estátua feminina de orante, e uma estátua masculina de togado (Garcia y Bellido, 1966-66; Sousa, 1990; Matos, 2002; Gonçalves, 2007; Lopes, 2012). Estas peças de elevado requinte escultórico foram encontradas em Mértola no século XVI. Possivelmente provenientes da desmontagem do torreão existente sobre a Porta da Ribeira (bem documentado no desenho de Duarte de Armas da mesma centúria), ou em obras da Igreja da Misericórdia levadas a cabo nas centúrias seguintes.

Em data incerta, mas seguramente no século XIX, foi descoberta a Cabeça de Cibele, sendo referido que este achado apareceu «ao pé da Misericórdia». Foi João Manoel da Costa «devotado amador das antiguidades de Mértola» que a ofereceu a Estácio da Veiga e por sua morte transitou com a restante coleção do Museu Arqueológico do Algarve para o Museu Etnológico (Vasconcelos, 1913, 333), hoje Museu Nacional de Arqueologia. Trata-se de uma peça parcialmente destruída e na parte superior da cabeça apresenta uma corona muralis. O aparecimento desta peça leva-nos a presumir que nas imediações da referida Igreja da Misericórdia / porta da Ribeira terá havido um templo da Mater deum e que a estátua figuraria nele.

Estácio da Veiga, na visita que realizou a Mértola após as cheias de 1876, registou «A poucos passos do arco está a igreja da Misericórdia, cujos degraus são de belos mármore, visivelmente extraihdos de nobres edifícios antigos, mui provavelmente ali achados, quando ao abrir-se os alicerces para a construção da igreja, foram descobertas no seculo XVI umas estatuas de que falava Rezende e D. fr. Amador Arraes.» (Veiga, 1880, 19). Refira-se a este propósito que ainda hoje são visíveis, num dos cunhais da referida igreja, vários elementos de arquitetura decorativa e silhares de mármore e granito.

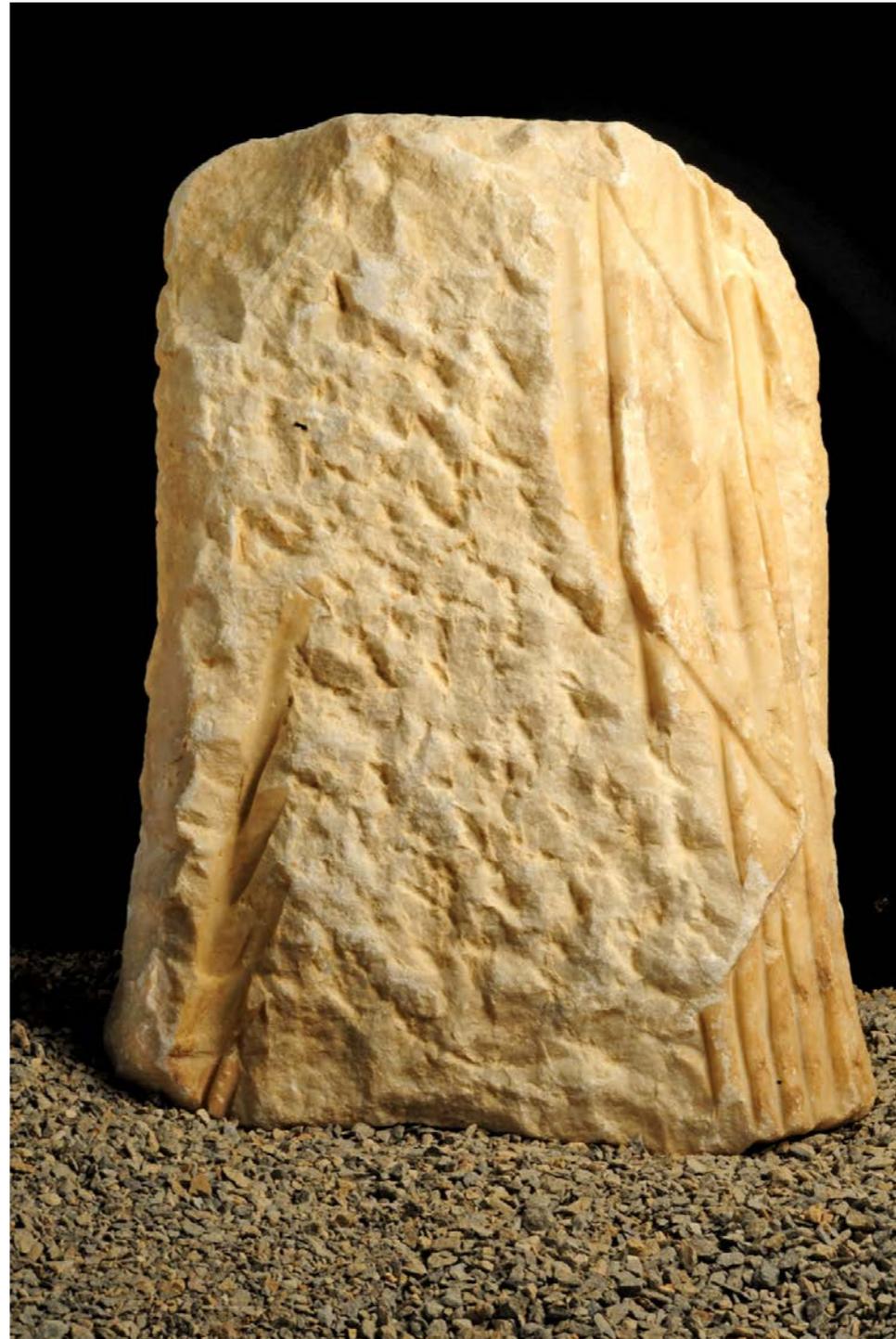
Estácio da Veiga, na visita que realizou a Mértola após as cheias de 1876, registou «A poucos passos do arco está a igreja da Misericórdia, cujos degraus são de belos mármore, visivelmente extraihdos de nobres edifícios antigos, mui provavelmente ali achados, quando ao abrir-se os alicerces para a construção da igreja, foram descobertas no seculo XVI umas estatuas de que falava Rezende e D. fr. Amador Arraes.» (Veiga, 1880, 19). Refira-se a este propósito que ainda hoje são visíveis, num dos cunhais da referida igreja, vários elementos de arquitetura decorativa e silhares de mármore e granito.



Fig. 1 - Cabeça de Augusto no Museu Nacional de Arqueologia. Foto de Virgílio Lopes.

Uma outra estatueta de Togado está exposta na Casa Romana, na cripta do edifício da Câmara Municipal e teve uma primeira referência numa pequena nota de Abel Viana, publicada no «Arquivo de Beja» em 1950. Segundo este arqueólogo, a estátua «foi achada na vertente oriental sotoposta ao Castelo» (Viana, 1950, 32). Aquando da sua visita a Mértola, esta estátua estava guardada no armazém situado no piso térreo da residência do médico Manuel Francisco Gomes (Casa Cor de Rosa), onde permaneceu até ser levada, em 1988, para a Casa Romana do Museu de Mértola. No entanto, a nosso ver esta estátua deveria fazer parte do conjunto escultórico ocultado nessa mesma casa e recentemente encontrada. Entre os factos

que nos levam a sustentar tal hipótese está, por um lado, o de os alicerces da referida casa assentarem em construções romanas e, por outro lado, o da fossa para onde foram atiradas as esculturas não estar completamente preenchida, havendo ali lugar para ter sido depositado este togado. Tão pouco podemos esquecer que as estruturas romanas de grandes dimensões serviram nos inícios do século XX como matéria prima para a nova edificação. Registe-se que o embasamento dos cunhais da Casa Cor de Rosa reaproveita blocos paralelepípedicos que bem podem ter sido bases de estátuas.



Figs. 2a e 2b - Estátua /Brasão.
Fotografia de Jorge Branco CMM.

No mesmo núcleo museológico exibe-se um bloco de mármore que possivelmente pertenceu a uma estátua. Num dos lados ainda conserva a representação das pregas dos panejamentos. Posteriormente, a estátua foi partida e adaptada para dar origem a um brasão da segunda metade do século XVI que se encontrou na vila de Mértola (Figs. 2a e 2b) (Lopes, 2012, 80).

Na zona da acrópole de Mértola uma outra estátua teve uma diferente sorte, passando a ser uma base de coluna. Esta peça foi encontrada in situ, na galeria porticada, em local contíguo ao painel musivo dos leões afrontados. Na parte traseira da coluna são visíveis restos de panejamentos, próprios e semelhantes aos trabalhos escultóricos encontrados em Mértola (Figs. 3a e 3b).



Figs. 3a e 3b - Estátua adaptada a coluna na galeria porticada do complexo religioso de Mértola. Fotografia Virgílio Lopes.



Fig. 4 - Levantamento Fotogrametria Digital, Tiago Costa, CEAACP.

Os novos achados escultóricos

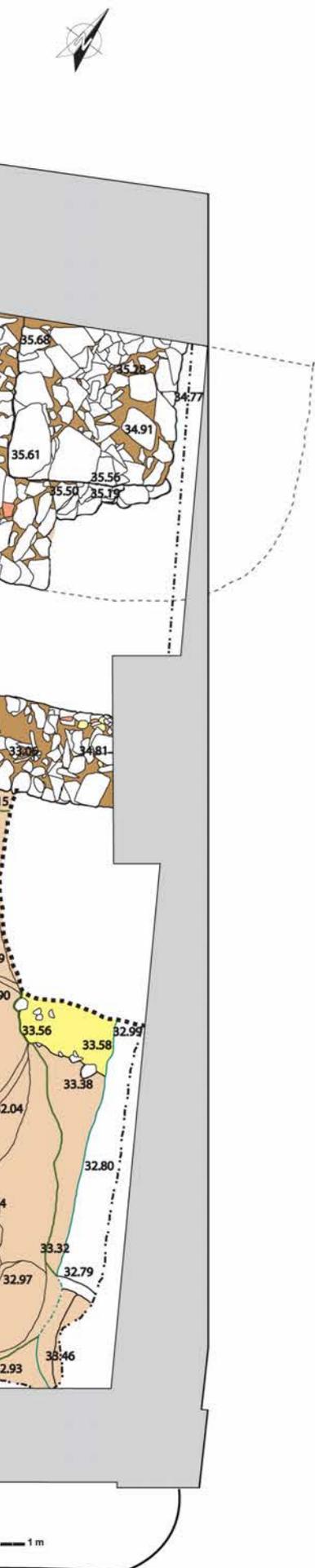
Entre 2017 e 2018 foram levadas a cabo as escavações na chamada Casa Cor de Rosa, um imóvel construído nos finais do século XIX e inícios do seguinte. Este edifício situa-se na Rua 5 de Outubro (com os números 7, 7A e 7B), e corresponde a uma das maiores casas do centro histórico da vila de Mértola e integra, para além da zona coberta, um quintal, anexos e uma cisterna.

Nos níveis mais profundos foram identificadas construções monumentais do período romano. Trata-se de uma edificação de forma retangular, com 12 metros no seu lado maior e 10,75 metros no lado menor, com muros com uma espessura entre os 1,5 e os 3 metros, não sendo possível determinar toda a

extensão do edifício, já que este se prolonga para as construções vizinhas. Parte dessa construção romana, situada na sala correspondente ao número 7B, apresenta, em dois pontos distintos, uma destruição motivada pelo facto do seu principal material construtivo (a pedra) ter sido retirada para ser utilizada em construções posteriores (Fig. 4).

No canto nordeste da Casa Cor de Rosa, a cerca de 4 metros de profundidade, numa cova propositadamente aberta para o efeito, foi descoberto um conjunto escultórico, constituído por uma estátua masculina, incompleta, de grandes proporções, que enverga trajes militares, de tipo Thoracata e por três estátuas femininas, tendo uma delas proporções idênticas (Fig. 5).





No canto nordeste da Casa Cor de Rosa, a cerca de 4 metros de profundidade, numa cova propositadamente aberta para o efeito, foi descoberto um conjunto escultórico, constituído por uma estátua masculina, incompleta, de grandes proporções, que enverga trajes militares, de tipo Thoracata e por três estátuas femininas, tendo uma delas proporções idênticas (Fig. 5).

Junto à estrutura absidada, foram encontrados uma cabeça feminina e um fragmento de braço envolto na toga, a par de vários fragmentos escultóricos, disformes e de reduzidas dimensões. A qualidade escultórica em termos estéticos, técnicos e dos materiais constituintes — mármore branco —, podem enquadrar estas esculturas na primeira metade do século I d.C. Os dados planimétricos obtidos apontam para uma estrutura monumental, de carácter público, possivelmente um templo. A razão que sustenta esta hipótese está relacionada com a dimensão das construções identificadas capazes de comportar edificações de grande envergadura e volumetria. Por outro lado, em 2007 e 2008, no decurso da obra de recuperação da Casa Fagulha, localizada nas proximidades, foram detetadas estruturas que parecem ter correspondência e situar-se no mesmo alinhamento destas, e que podem, eventualmente, constituir o prolongamento deste edifício.

A monumentalidade das estruturas arqueológicas identificadas, a que acresce este fabuloso conjunto escultórico, permite-nos deduzir que podemos estar na presença de um templo integrado num conjunto monumental do tipo forum. Esta ideia é reforçada pelo achado, nos finais do século do XIX, aquando da construção da mesma Casa Cor de Rosa, de uma outra estátua de togado, que se encontra em exposição no núcleo museológico Casa Romana, situado no edifício dos Paços do Concelho, na Praça Luís de Camões. De referir ainda a importante localização topográfica, na proximidade da porta de ligação de Mértola ao rio Guadiana e à antiga zona portuária.

Fig. 5 - Planta das escavações arqueológicas da Casa Cor de Rosa – estruturas romanas e da Antiguidade Tardia, desenho Nélia Romba e Marco Fernandes

Duas estruturas da Antiguidade Tardia foram localizadas no canto norte do mesmo edifício. No embasamento de uma destas estruturas foi reutilizado um grande bloco de mármore. Possivelmente trata-se de um elemento de friso. Quando se procedeu ao seu desmonte foi identificado um numisma de Graciano, cunhado em Aquileia e datado entre 379-383. Este achado dá-nos a datação do momento do desmantelamento do complexo monumental do período romano e da ocultação das estátuas, permitindo-nos perceber o momento da construção das estruturas da Antiguidade Tardia (Fig. 6).

Dos novos achados escultóricos, ocultados numa fossa (Fig. 7), destacam-se: a parte superior das pernas e o dorso duma estátua masculina, de tipo *Thoracata*, partida em duas partes (Fig 8); um fragmento do pé esquerdo, descalço, sobre a base,

e ainda um grande fragmento com restos do braço esquerdo de onde pendem os panejamentos; três estátuas femininas, uma de grandes proporções (cerca de 152 cm conservados) apresenta apenas a parte inferior, bacia, pernas e pés assentes numa base (Fig. 9), outra que parece ser de uma jovem (assente numa base incompleta e com 139 cm de altura), apresenta parte do pescoço, do que se depreende que seria uma estátua inteira (Fig.10), e não como a maior parte dos casos conhecidos, que estavam preparadas para a colocação de diferentes cabeças; a terceira estátua feminina, incompleta, (tem altura conservada de 120 cm), apresenta vestuário ricamente adornado e uma fíbula no ombro direito, podendo a base ser um fragmento encontrado nas imediações em que estão esculpido os restos de vestes (Fig. 11).







Fig. 7 - Conjunto escultórico *in situ*. Fotografia Virgílio Lopes.





Fig. 8 - Estátua *Thoracata*. Fotografia Jorge Branco, CMM.
Fig. 9 - Estátua feminina. Fotografia Jorge Branco, CMM.
Fig. 10 - Estátua feminina. Fotografia Jorge Branco, CMM.
Fig. 11 - Estátua feminina. Fotografia Jorge Branco, CMM.

Noutro local da mesma Casa, próximo do anterior, apareceu uma cabeça feminina (com cerca de 43 cm de altura), de mármore branco de excelente qualidade e tratamento escultórico, que se encontra danificada na zona do nariz (Figs 12a/12b/12c/12d). Nas proximidades desta peça encontrou-se um fragmento de braço que segura um panejamento. É de considerar a hipótese de se tratar da cabeça de Livia, esposa de Augusto. A sua métrica é enquadrável na peça feminina de maiores proporções (Lopes, 2018, 34 – 41).

À monumental estátua thoracata poderá ter pertencido a cabeça de Augusto, descoberta em Mértola, em data incerta, e que hoje se encontra no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa. Contudo, a observação desta peça permite perceber que foi desbastada, na zona do pescoço, e encaixada no togado proveniente de Mértola. Esta composição forçada esteve em exposição nos anos sessenta do século XX no referido Museu e está documentada fotograficamente num artigo de Garcia e Bellido, num texto publicado no Arquivo de Beja. O togado está encimado com a cabeça de Augusto e na estátua feminina de orante foi colocada a cabeça de Cibele, interpretada erradamente como sendo Livia (Garcia y Bellido, 1966, 280-282).

Tendo em conta a métrica da estátua e da cabeça e o facto de o pescoço de Augusto terminar num espigão arredondado e o thoracata ter um recetáculo côncavo, podemos supor que as duas peças pertenceriam a uma só. A verificar-se esta hipótese de trabalho, teríamos em Mértola um templo do culto imperial criado por Augusto.

Nesta estátua envergando traje militar, de pé e numa atitude solene, destaca-se a decoração da sua armadura, constituída na parte superior por um relevo representando a Medusa, a que se segue o peitoral decorado com duas vitórias aladas defrontadas, uma que segura e outra que alimenta um queimador. Na parte inferior, os pterigia estão dispostos em três fileiras, sendo a sua decoração constituída por figuras e bustos humanos, figuras mitológicas, motivos vegetais e animais como águias e cabeças de lince. Este animal também possui representações em estátuas da mesma tipologia na Guarda, Mérida, Baeza e Verona. Na parte inferior do corpo ainda são visíveis restos de panejamento e da perna esquerda, e dela poderão também fazer parte os restos de um pé descalço de grandes dimensões o que, a pertencer a esta peça, nos indica que esta se encontraria no interior do templo.

Ainda relacionadas com estes exemplares escultóricos estão as duas bases de mármore reutilizadas numa estrutura murária e diversos fragmentos escultóricos, podendo as primeiras tratar-se de plintos de suporte para as estátuas.

Não é de excluir que este conjunto escultórico tivesse a sua superfície pintada, à semelhança de outros casos conhecidos, mas no atual contexto do estudo a existência de restos de uma policromia apenas foram observados, até ao momento, na coroa da cabeça de Cibele (Gonçalves, 2007, 277).

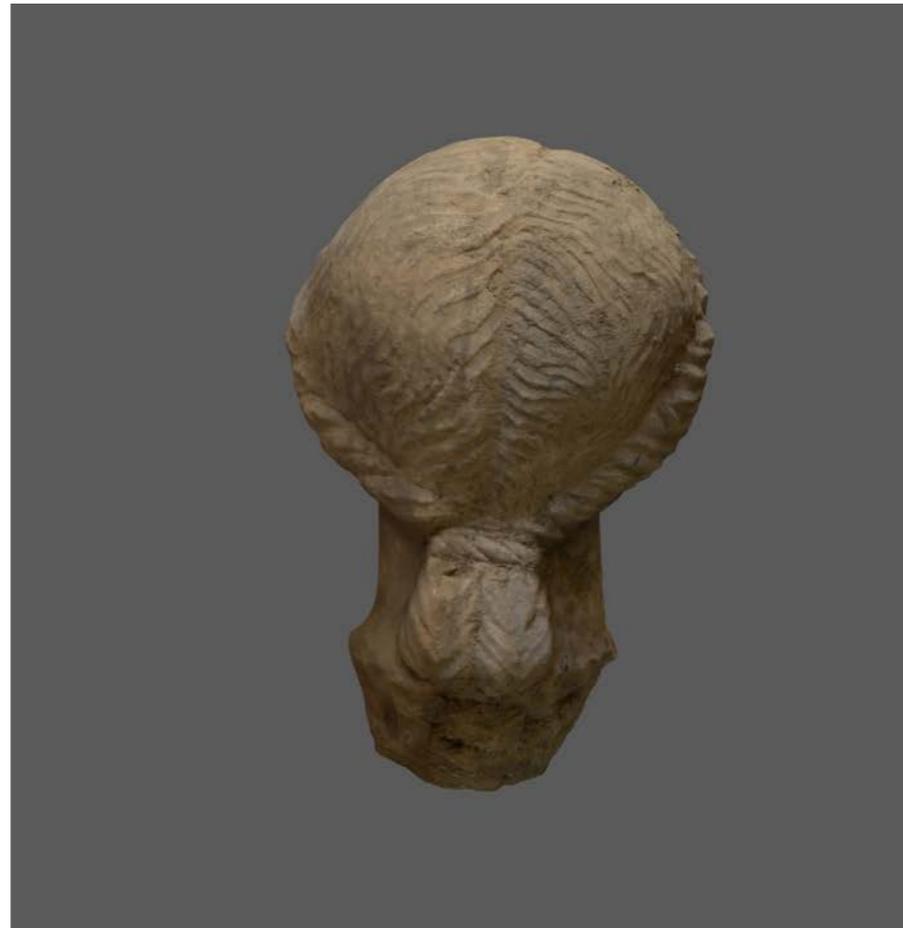
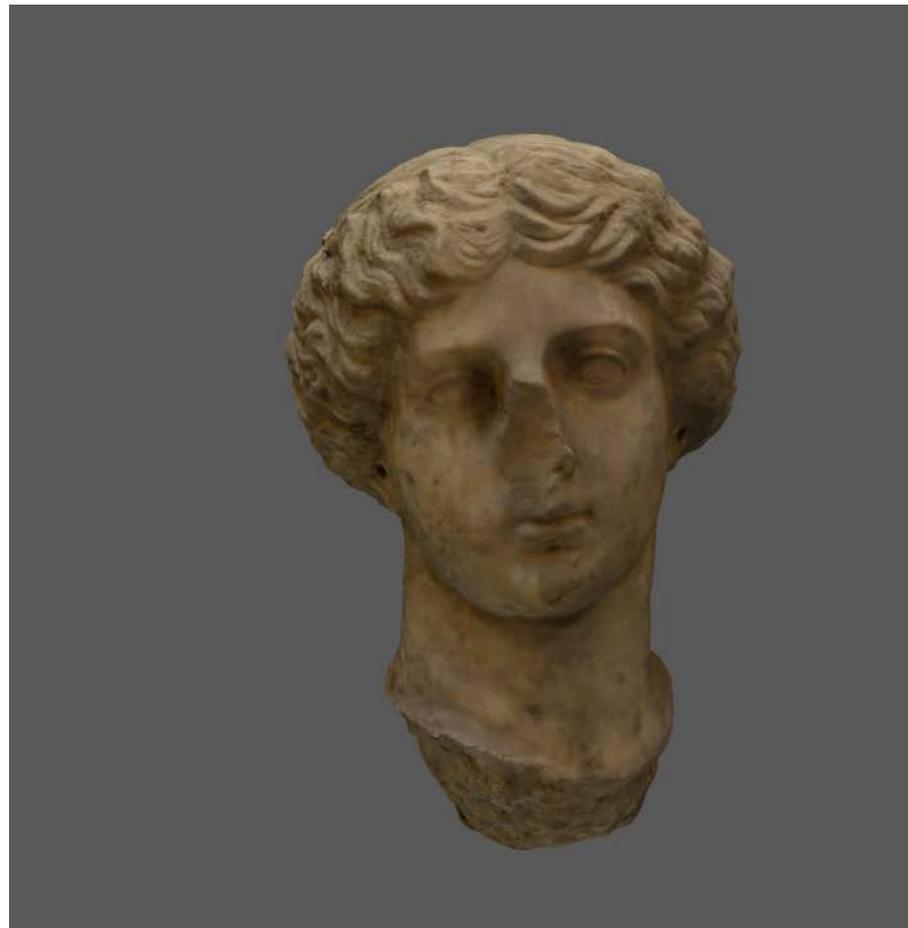


Fig.12a; 12b; 12c; 12d - Cabeça feminina.
Fotogrametria Digital, Lucía F. Sutilo e Francisco
M. Vázquez (Universidade de Huelva).

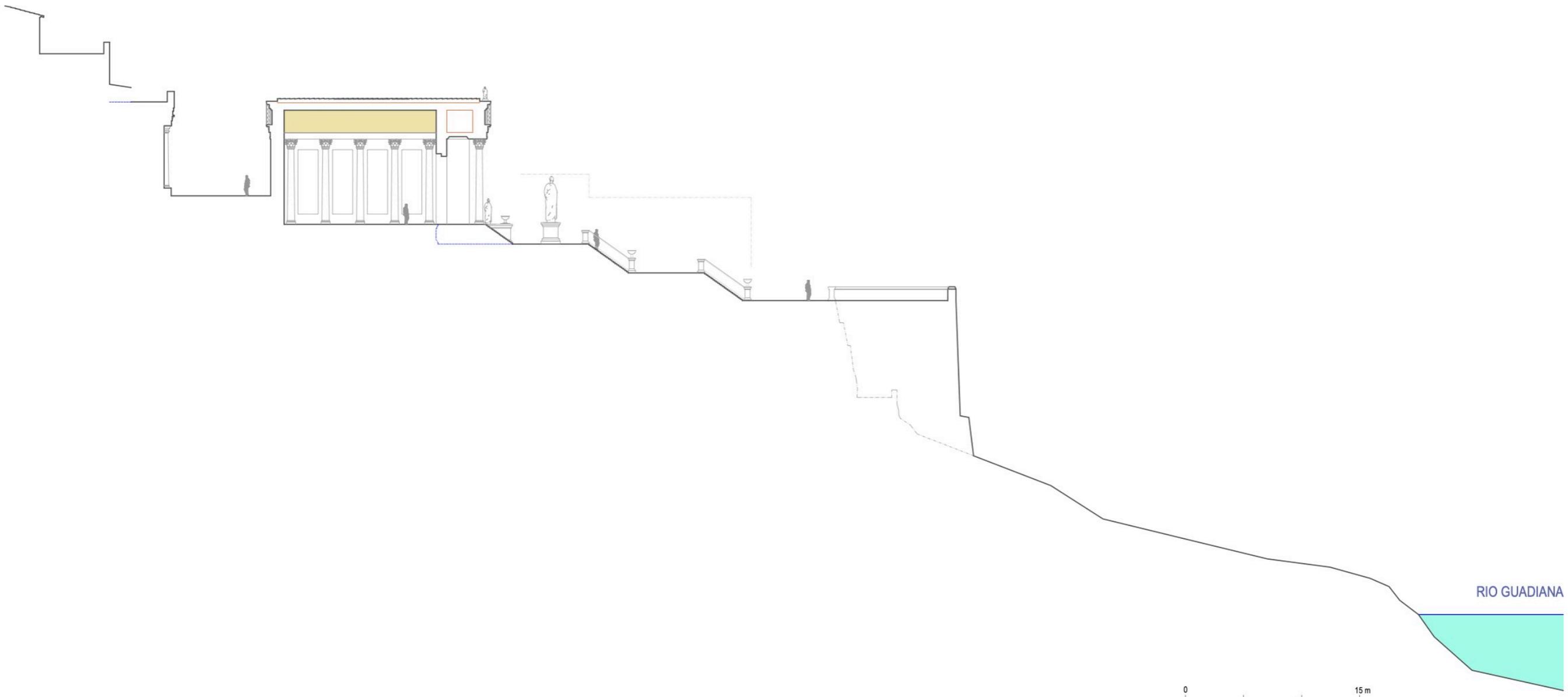
As novas leituras de Myrtilis

As escavações arqueológicas levadas a cabo na Casa Cor-de-Rosa abrem novas perspectivas para a compreensão do urbanismo romano, pondo a descoberto uma estrutura monumental, de carácter público, possivelmente um templo. Estruturas encontradas em 2006 e 2007, no acompanhamento da obra de recuperação da Casa Fagulha, que se encontra relativamente próxima, parecem situar-se no mesmo alinhamento destas, pelo que poderão constituir, eventualmente, o prolongamento deste edifício até esse outro imóvel. Estas estruturas monumentais estariam, possivelmente, integradas numa praça do tipo forum, constituído por plataformas e coroado por um templo (Fig.13). Com ela se relacionaria a descoberta do século XVI no torreão que deu lugar à Igreja da Misericórdia, de seis ou oito estátuas às quais viriam a juntar-se, no final de 2017, mais quatro exemplares exumados no âmbito dos trabalhos arqueológicos realizados (Lopes, 2018).

Dada a monumentalidade das estruturas e a concentração da estatuária encontrada nesta parte da vila, é perfeitamente

admissível que nesta zona existisse um forum que se desenvolveria em plataformas e que teria um rico programa iconográfico de forte impacto visual. Quem chegava a Myrtilis, subindo o rio Guadiana, deparava-se com um cenário monumental, constituído por uma pujante cintura de muralha coroada com imponentes templos ricamente ornamentados. A concentração de estruturas e achados escultóricos e de elementos de arquitetura decorativa de grandes dimensões na parte baixa da vila de Mértola vem reacender o debate em torno da topografia antiga de Myrtilis. Criando a possibilidade da existência de dois fora, um na parte alta da cidade e, um outro, na parte baixa ligado aos prováveis templos de Augusto e de Cibele, possivelmente localizados nas imediações da zona portuária. Se excetuarmos o togado que se encontra no Museu Nacional de Arqueologia, que apresenta a parte de trás lisa, para encostar a uma parede, todos os outros elementos escultóricos estão trabalhados em todos os lados, deveriam ser vistos em todos os seus ângulos (Fig. 14).

De modo a conhecer a proveniência dos mármorees que deram origem a este conjunto escultórico, estão a ser feitas análises no laboratório Hercules da Universidade de Évora.



RIO GUADIANA

0 15 m

Um desejo para o futuro

A excecionalidade do conjunto escultórico encontrado merecia um programa de restauro - para juntar os fragmentos existentes às peças principais, permitindo uma nova leitura deste grupo escultórico - , bem como a elaboração e implementação de um programa museológico que repusesse a beleza e a monumentalidade dos achados, devolvendo-os ao local de origem. Assim os deuses e os governantes o quisessem...

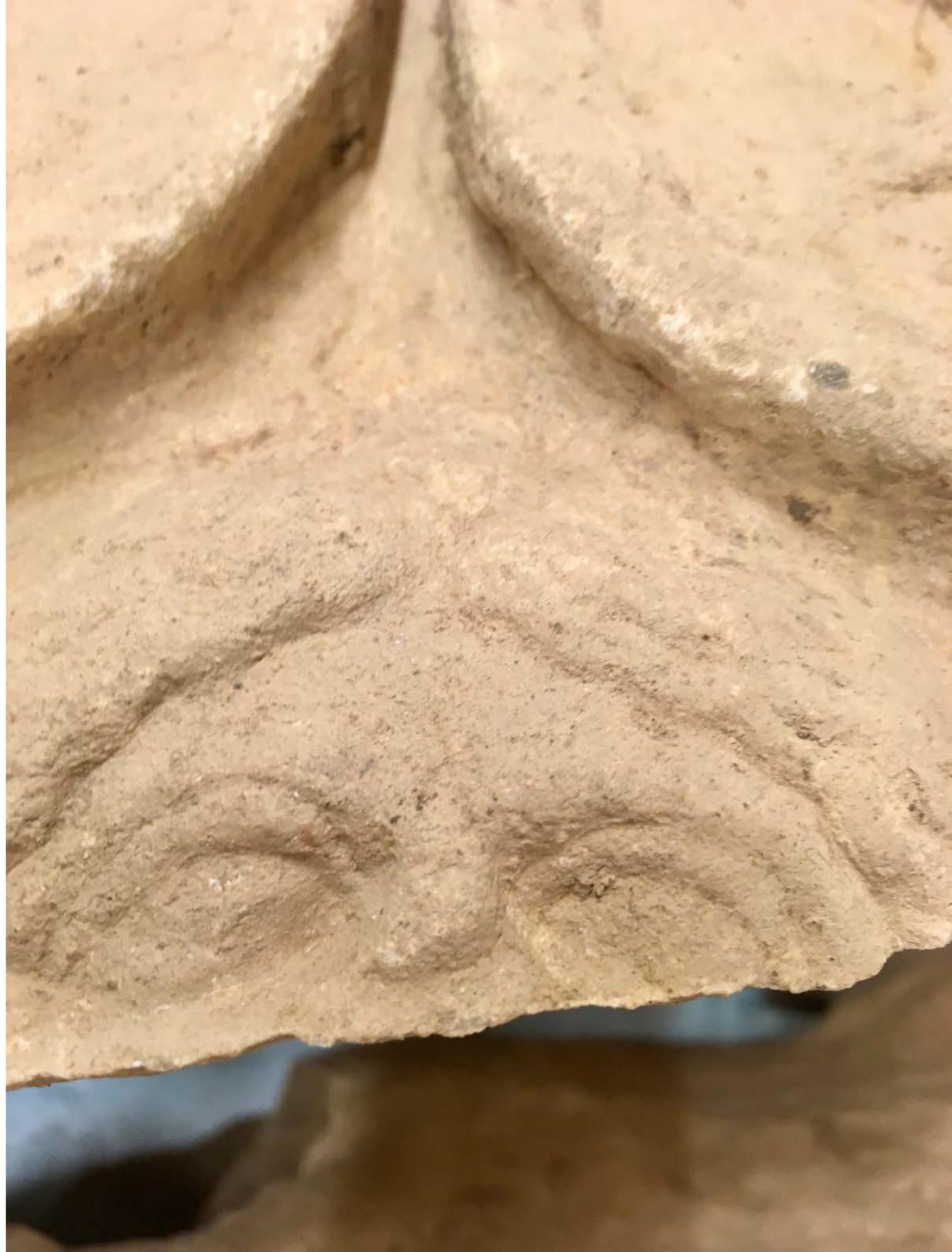


Fig. 14 - Pormenor da decoração dos *pterigia*. Fotografia Jorge Branco CMM.

BIBLIOGRAFIA

Garcia y Bellido (1966-67). *Retratos Romanos Imperiales de Portugal*. Arquivo de Beja, Volume XXIII- -XXIV, pp. 280-291. Beja.

Gonçalves, L. J. R. (2007). *Escultura Romana em Portugal: uma Arte do Quotidiano* (1 e 2). Mérida: Studia Lusitana.

Lopes, V. (2012). *Casa Romana Museu de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

— (2018). Recentes descobertas arqueológicas em Mértola: a intervenção na Casa Cor-de-Rosa. *Monumentos*, n.º 36, pp. 34-41. Lisboa: Direção Geral do Património Cultural.

— (2019). A Escavação Arqueológica na Casa Cor de Rosa Mértola 2017-2018. *Arrayollos – Revista de Cultura do Município de Arraiolos*, nº 1, pp. 131-141.

— (2020). O complexo religioso de Mértola. A reutilização de estruturas e materiais. In: Mateos Cruz, P.; Morán Sánchez, C. J. (Eds.) *Exemplum et Spolia. La reutilización arquitectónica en la transformación del paisaje urbano de las ciudades históricas*. *Mytra*, 7, 339-348.

Matos, J. L. (2002). *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Escultura Romana*. Lisboa.

Sousa, V. (1990). *Corpus Signorum Imperii Romani: Portugal*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.

Vasconcelos J. L. (1913). *Religiões da Lusitânia*. Volume III. Lisboa: Imprensa Nacional.

Veiga, E. da (1983). *Memórias das Antiguidades de Mértola* (ed. fac-similada de 1880). Lisboa: Imprensa Nacional, Mértola: Câmara Municipal de Mértola.

Viana, A. (1950). *Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo*. Arquivo de Beja, volume VII, pp. 32-40. Beja.

